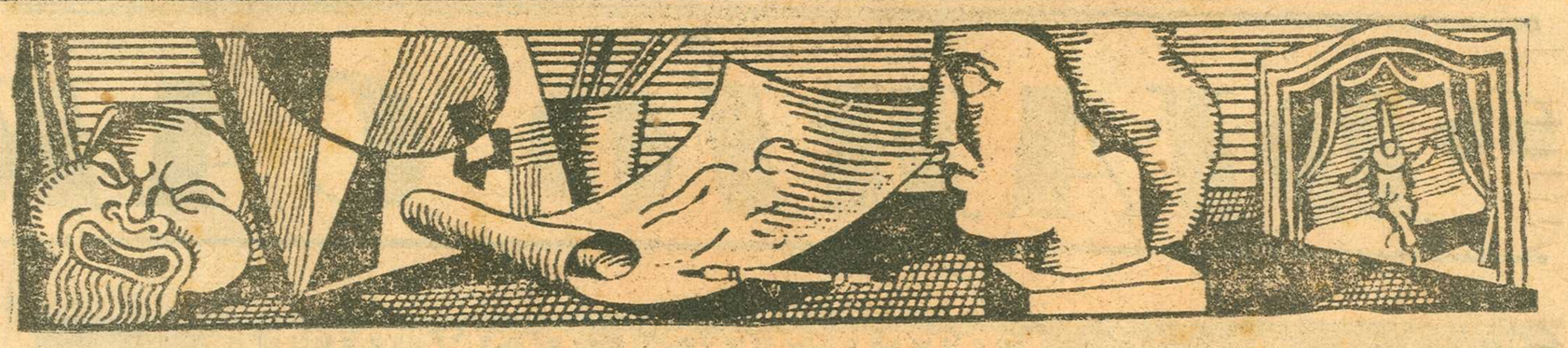


# Sociedade Patriarcal — I

**Sérgio Buarque de Holanda**

A publicação, em texto refundido, e consideràvelmente ampliado, de *Sobrados e Mucambos* do sr. Gilberto Freire (2.ª edição. 3 volumes, 1188 pgs., Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro e São Paulo, 1951) pode fornecer uma perspectiva hábil para os que desejem interpretar todo o alcance da contribuição do escritor pernambucano para o melhor conhecimento da sociedade brasileira.

Com os volumes impressos, êsse trabalho verdadeiramente monumental já adquire unidade orgânica bem definida. Em *Casa Grande e Senzala*, primeira parte da série, estudara-se o nascimento, formação e definição da sociedade brasileira sob os auspícios da economia patriarcal. Aos cinco volumes até aqui publicados da obra integral, deverá seguir-se um sexto, há muito anunciado com o título de *Ordem e Progresso*, que abordará o "processo de desintegração das sociedades patriarcal e semi-patriarcal no Brasil sob o regime do trabalho livre". O ciclo orgânico (nascimento crescimento, maturidade, declínio, morte da sociedade patriarcal) há de completar-se — descontados, naturalmente, alguns volumes subsidiários — com uma última parte já projetada, que se chamará, de modo expressivo, *Jazigos e Covas Raras*.

E' possível que para conhecer a palavra final deste livro seja necessário aguardar ainda a parte final. Como no grande romance de Proust, que o sr. Gilberto Freire gosta de invocar quando se trata de defender sua obra contra os censores mais impacientes, o último volume daria a chave de tôda a construção. Construção naturalmente bem composta e segundo uma ordem velada, mas tão inflexível em realidade como a ordem que rege os processos biológicos. Destas altitudes podemos rever o curso do caminho trilhado, e já distinguimos, na vertente contrária, o que ainda falta percorrer.

E a tarefa de quem se propo-

nha, diante da obra tão ambiciosa, ir além de um simples comentário à margem, como o presente, será grandemente facilitada com a leitura de *Nordeste*, publicado quase ao mesmo tempo, em segunda edição aumentada (Livraria José Olympio, Editora, Rio de Janeiro-São Paulo, 1951), e que visa a ser uma espécie de ensaio complementar do trabalho amplo que se iniciou com a publicação de *Casa Grande e Senzala*. Ensaio, êsse, mais deliberadamente impressionista do que os demais, e que chegou a requerer do autor, segundo sua mesma confissão, um trato prolongado e meio franciscano com a paisagem, a natureza e a gente mais típica de sua região natal.

GRAÇAS, principalmente, àquela estrutura orgânica, pôde êle dominar, enfim, dando-lhe forma, sentido e valor, um material imenso e muitas vezes incompatível com tôda abordagem fundada nos recursos das ciências da natureza.

Semelhante abordagem exigiria, sem dúvida, um interesse mais detido pelos condicionamentos ou nexos causais, que relacionam entre si os aspectos frequentemente contraditórios da realidade, do que por êsses mesmos aspectos, apresentados em côres cruas e sugestivas. O processo, sobretudo cumulativo do autor, não deixa de realçar os traços que, ferindo fundo a imaginação, parecem animar os acontecimentos de uma vida própria, incapaz de refletir-se em escritos onde prevaleça um rigoroso raciocínio discursivo.

A fôrça de sugestões que cabe nêsse processo pode-se dizer que é a de um poeta, de um dêsses poetas da estirpe whitmaniana, que êle se acostumara a admirar durante seus anos de aprendizagem na América do Norte, não a de um cientista ocupado em medir, relacionar e confrontar os fatos. Êle próprio admite, e defende-a, a presença, aqui, dessa visão poética endereçada a certas intimidades mais esquivas das coisas do passado, inacessíveis em geral ao estudo simplesmente histórico ou sociológico: "algumas delas", escreve, "só se abrem ao conhecimento ou ao estudo psicológico; várias só ao conhecimento poético, vizinho do cientificamente psicológico".

A atenção presa aos fatos concretos, mais do que as abstrações e idéas, e empenhada em apreender êsses fatos em seus desvãos mais secretos só se torna verdadeiramente eficaz, entretanto, quando movida por um intenso calor afetivo. A sua é uma "visão próxima", amorosa inclusive na repulsa; por isso naturalmente parcial e exclusivista. Seu zêlo tantas vezes manifesto em favor da preservação dos estilos e valores regionais em todo o Brasil acha-se em função de um zêlo fervoroso — em alguns casos, quase se poderia dizer nostálgico — por certos valores e estilos tradicionais da área dominada, no passado, pela monocultura latifundiária e em primeiro lugar pela lavoura c[illegible] fundada no braço escravo.

Nessas condições chega a admitir, e admite mesmo, sem reservas, que outras regiões do Brasil tiveram formação até certo ponto dessemelhante: que a presença, ora do latifundio rural e da monocultura, ora do escravo negro não tenha marcado nelas tão decisivamente o passado rural e até o presente; enfim, que o símile mais apropriado para figurar nosso desenvolvimento histórico seria o de um arquipelago ou o de uma constelação, não o de um continente compactamente unitário. Sim, mas desde que a forma assumida pela família de tipo patriarcal, nas regiões onde predominou a monocultura latifundiária e o trabalho escravo, represente verdadeiramente o alfa dessa constelação.

ÊSTE ponto merece exame porque parece formar o principal dos obstáculos opostos até agora a uma aceitação mais generalizada da perspectiva adotada pelo sr. Gilberto Freire em sua obra histórico-sociológica e dos critérios dependentes dessa perspectiva. Critérios e perspectivas que serviriam, sem dúvida admirávelmente, se aplicados a uma parte do nordeste brasileiro e de certo modo às outras áreas onde imperou quase sem contraste, entre nós, a grande lavoura açucareira, mas que se revelariam menos aptos para o estudo das demais regiões do país.

No próprio Nordeste elas mal se prestariam, por exemplo, para as zonas onde a lavoura e mesmo o braço escravo não tiveram papel mais saliente. Ou no planalto paulista, onde, durante a maior parte do período colonial, pôde prevalecer, em grande escala, uma forma particular de policultura. Ou ainda no extremo-norte, onde se praticou largamente a indústria extrativa e a coleta florestal. Ou nas terras minerais e sobretudo nos campos sulinos onde parecem francamente inexistentes muitos dos traços que o autor pernambucano prende de modo indelevel ao seu retrato de nossa civilização de raizes patriarcais e escravocratas.

Até onde serão explicáveis e mesmo justificáveis muitas dessas resistências? Que o assunto parece ao próprio autor, de importância singular, mostra-o a insistência com que volta a êle, muitas vezes em tom defensivo e polêmico, nas suas últimas publicações, em particular nesta nova edição de *Sobrados e Mucambos*. Aos leitores, por outro lado, e aos críticos, o exame da mesma questão pode fornecer acesso para a melhor inteligência dessa obra, de sua alta significação e de seu verdadeiro alcance.

Remessa de Livros: Rua Haddock Lobo, 1625, São Paulo.

51/11/11
Diario Carioca
pg. 3, 10

11-11-51

Pr 124 P18
2/3

# Sociedade Patriarcal — 2

**Sérgio Buarque de Holanda**

JA' às primeiras páginas da introdução que escreveu para o texto refundido e ampliado de *Sobrados e Mucambos*, o sr. Gilberto Freyre volta a um tema que desde 1933, pelo menos, vem acompanhando de perto seus estudos históricos e sociais: o da unidade da formação do Brasil em torno do regime da economia patriarcal. Essa unidade sobrepujaria a um mesmo denominador comum.

De modo que, ao fixar o sistema patriarcal da colonizaçãc portuguesa, partindo das áreas onde terá alcançado uma das suas expressões extremas e melhor definidas — as áreas onde veio a imperar a monocultura latifundiária amparada no braço escravo — ele pretende que suas interpretações sejam perfeitamente válidas para o Brasil inteiro. E busca explicar as objeções opostas por aqueles que não logram distinguir o carater transregional de suas pesquisas, sugerindo que tais críticos se orientam obstinadamente para o *conteudo* e a *substancia*, não para a *forma* sociológica dos acontecimentos e dos fatos.

E' esta *forma* o que serve, em suma, para conciliar entre si as mais ásperas contradições, emprestando ao todo uma harmonia e mesmo uma "unicidade" (pag. 42) verdadieramente soberanas. Nos seus livros é provavel que ela apareça muito manchada de massapé negro, muito lambusada de mel de tanque para não transviar às vezes algum espirito desprevenido, mas tudo isso é de pouca monta quando se trata de distinguir o essencial através das aparências mais ou menos precárias.

Entretanto esse princípio formal, de significação tão decisiva, não se deixa claramente precisar para quem estude os multiplos escritos de um autor tão vivamente empolgado, ele próprio, pelos elementos materiais da existência e do convivio humanos. Ou seja — no seu próprio vocabulário — pelo "conteudo" ou "substancia" dos acontecimentos e dos fatos. Reduzido à expressão mais simples e mais genérica o verdadeiro principio organizador estaria em determinado tipo de organização patriarcal da vida e da familia: traço comum, em sua fase de desenvolvimento, a todas as manifestações regionais particulares. E é a esse unico traço — "forma" independente dos "conteudos"? — que invariavelmente se reporta o sr. Gilberto Freyre quando algum critico tenta negar o caráter transregional das suas interpretações, lembrando a ausência, como força social e economica dominante, nesta ou naquela região brasileira com "passado histórico", de alguns elementos à primeira vista inseparaveis do painel que ele nos pinta: ausência, por exemplo, da Casa Grande (no sentido estritamente "material" da expressão); ausência da senzala ou sequer do braço escravo; ausência da própria lavoura, substituida pela mineração ou (no extremo norte) pela coleta florestal; ausência da grande propriedade; ausência da monocultura...

NESTE PONTO cabe, porém, uma pergunta: seria o patriarcalismo, tal como o descreve o sr. Gilberto Freyre, uma criação

originária e especifica das áreas de colonização sobretudo lusitana nesta parte da América, criação surgida de preferencia à sombra da Casa Grande, e capaz, só por si de diferenciar nitidamente as nossas condições coloniais das metropolitanas na mesma época?

A verdade é que muitos dos traços mais caracteristicos desse patriarcalismo, no seu apogeu e no seu declinio, entre nós, mal se poderiam destacar dos modelos europeus e barrocos que se prolongaram até estas bandas do oceano. Guardadas as proporções devidas, o senhor de engenho ou o antepassado do "coronel" do sertão, ao menos nos séculos XVII e XVIII, não se distinguiriam muito, social ou psicológicamente, dos nobres e fidalgos do Reino. Isso mesmo dissera-o Antonil, e quase com as mesmas palavras. Nem as nossas casas grandes diferiam, salvo, talvez, nas maiores dimensões — que em todo o caso não chegam a afetar sua estrutura e sua técnica de construção — dos sobrados ou casas nobres da peninsula.

E' bem certo que em nossos canaviais e em nossas vilas e cidades labutavam negros e cativos, muito mais do que nos campos e cidades de Portugal. Mas para o próprio autor, esses pormenores de "conteudo', não de essência ou "forma", são irrelevantes "do ponto de vista sociológico". "Da denominação ou mesmo da condição especifica do escravo, em oposição ao senhor", escreve à página 66, "seria um erro fazer condição indispensavel à existência de um sistema sociologicamente patriarcal-feudal, isto é em suas formas e seus processos principais de relações entre dominadores e dominados: a dominação, a subordinação, a acomodação. O sistema pode existir ou funcionar sob aparências mais suaves: simples coronel ou major, o senhor; "morador", o servo. E o que parece ter sucedido em grande parte do Piauí, do Ceará, da área do São Francisco e do Rio Grande do Sul..." E poderia ajuntar, sem receio, em parte da Europa, da peninsula ibérica principalmente.

SE OS PADRES da Companhia puderam, no Brasil, contribuir para a precocidade dos meninos — a "vergonha de ser menino" — não foi, ou não foi apenas por quererem, fiéis à missão antipatriarcal que lhes atribui o sr. Gilbreto Freyre num dos seus mais admiraveis capitulos, hostilizar os senhores todo-poderosos, "fazer frente ao caciquismo das tabas e ao patriarcalismo dos velhos das casas-grandes" (pag. 219), mas simplesmente porque obedeciam nisto, e não só nisto, a um puro ideal europeu e clássico, no caso o da criança precocemente amadurecida e sensata: o *puer senex*.

Ideal provindo da antiguidade romana, haveria de permanecer bem vivo, não só no Brasil, mas ainda em Portugal e Espanha, e não só no mundo ibérico, mas na própria França seiscentista e setecentista e no resto da Europa, ao menos da Europa católica. Em seu belo livro sobre La Fontaine pôde escrever efetivamente Vossler que a criança francesa daqueles tempos não era tratada como criança, mas como uma espécie de gente grande em miniatura. Ou então como um bicho pequeno. Adulto em potencia ou filho aterrado. Foi o suiço Rousseau, vindo de uma terra calvinista, quem primeiro revelou aos franceses a criancice da criança, nota ainda o mesmo romanista. E, depois de invocar o retratos infantis de Velasquez e outros pintores, não deixa de lembrar ainda que não havia então trajos especiais para meninos ou meninas (Cf. K. Vossler, *La Fontaine und sein Fabelwerk*, Heidelberg, 1919, pág. 2). Tambem no patriarcalismo brasileiro nota o sr. Gilberto Freyre "uma tendencia para o trajo se uniformizar do adulto respeitável — donde os meninos de roupa de homem, cartola e bengala que Rendu achou parecidos com as marionettes das feiras francesas — e as meninas vestidas desde cedo como senhoras..." (pág. 246). Assim, o que para um francês do século XIX já pertencia a um passado morto, ainda sobrevivia entre nós e ganhava sabor exótico. Mas não era certamente fruto especifico de nossa civilização patriarcal.

(Conclui na 10ª pag.)

Vide verso

grande e senzala ou em alguma outra área regional da colonia.

E' claro que qualquer pronunciamento decisivo, neste ponto, há de colorir-se fortemente de noções subjetivas e amparar-se, em ultima análise, sobre simples preferências pessoais. Não creio, porém, que para a inteligência de nosso passado e de nosso presente, seja forçoso admitir um principio formal em verdade tão elástico, próprio para lisonjear esta ou aquela vaidade regional, servindo a sentimentos, ressentimentos, paixões, preconceitos, conveniências às vezes momentaneas e quase sempre polêmicas. A obra do sr. Gilberto Freyre ele nada acrescenta de duradouro. Nem serve, certamente aos seus adversários, quando se apoiam no mesmo critério, embora movidos por sentimentos regionais diversos dos seus.

*Remessa de Livros* — Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).

☆

# POLEMICA SÉRGIO...

## (Conclusão)

brava que nas *Georgicas* de Virgílio, ao oposto do que eu dissera, não existe referência alguma ao modo de se evitar a erisipela gangrenosa. Assim, acrescenta, "fui obrigado a admitir que o ilustre crítico recorre à imaginação para suprir suas falhas de memória". — Acontece porém, que não é preciso trabalho de imaginação ou memória para se encontrarem nas *Geórgicas* as passagens — mais de uma, — onde são referidos os meios usuais contra o terrível mal descrito ao fim do livro terceiro. Um deles consistia, por exemplo, em deitar vinho puro, com auxílio de um funil, pela goela do animal contaminado (III., 509-14). Outro, em mudar as pastagens (III., 548). Meios esses que se teriam revelado, aliás, ineficazes ou contraproducentes. E' verdade que a erisipela gangrenosa não aparece com tal nome em nenhum lugar do poema. Contudo, neste passo, socorri-me, não da imaginação, e sim da interpretação de comentadores aparentemente autorizados. Um destes, Henri Goelzer, membro do Instituto de França e professor da Faculdade de Letras de Paris, diz expressamente, ao rodapé da página 119 de sua edição do poema para a *Collection des Universités de France*: "On croit que Virgile à decrit ici les effects

# Letras

## (Conclusão)

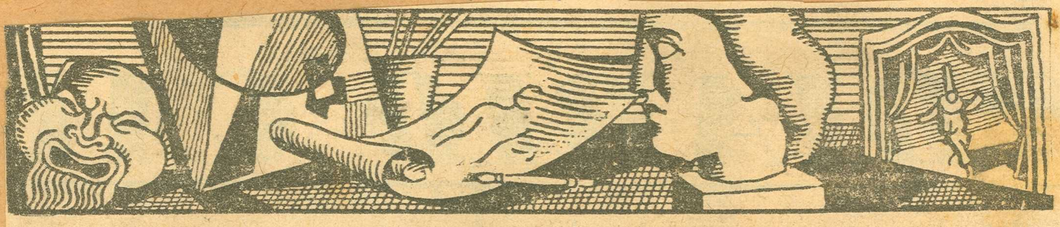
de l'érysipèle gangreneux". De qualquer modo o êrro ou acerto no nome da peste não vai afetar o sugerido em meu artigo. A obra do Mantuano, não menos do que a de Catão ou a de Varrão, está cheia de conselhos práticos sôbre a agricultura, a apicultura, a pecuária, que nem por isso lhe conferem tom de relatório. E tenho a petulância, nestes casos, de procurar entender Virgilio, não segundo Cannabrava, mas segundo Virgílio. O qual declarou expressamente que não usava de circunlóquios ou ambiguidades.

3) Acusa-me ainda, o ilustre censor, do "formidável disparate de atribuir a F.C.S. Northrop, filósofo norte-americano, filiação direta à escola néo-positivista...". — Ora, o que está dito, de modo bem claro, nos meus artigos, é exatamente o oposto de tal "disparate". Em um deles, impresso no suplemento do DIARIO CARIOCA de 22 de julho último, falei em Northrop como tributário de concepções que visam a corrigir a aridez do pensamento dos novos positivistas (não necessáriamente da chamada "escola néo-positivista") reservando um domínio particular à poesia e ao "componente estético", e estabelecendo, assim, um *modus vivendi* entre duas atividades tradicionalmente inimigas. Em artigo posterior referi-me a concepções tais como a do mesmo professor de Yale, dizendo que surgiram, aqui sim, do "prestígio do néo-positivismo nos paises anglo-saxões". E' claro, pelo que estava dito antes e pelo que se seguia, que a expressão aparentemente ambígua — "surgidas do prestígio" — queria indicar antes reação do que filiação. Com efeito, no que se seguia, observei que Northrop apresenta a poesia como verdadeira antitoxina, própria para remediar os efeitos do artificialismo, do pragmatismo, do cientismo (poderia ter precisado "do positivismo") da era da técnica. Mais recentemente tentei, no entanto, amolecer a ênfase com que o sr. Cannabrava chegara a falar em antipositivismo de Northrop. Pareceu-me que "antipositivismo" não é palavra adequada quando se trata de autor que reconhece a justeza e o mérito das teorias novos

# SOCIEDADE...

## (Conclusão)

A FORMA da sociedade brasileira, se tivermos de aceitar noção tão violentamente realista, como essa que nos propõe agora o sr. Gilberto Freyre — realista menos no sentido da sociologia atual do que da teologia medieval — não foi suscitada na área da cana de açucar, ou em outra região brasileira particular; mais plausivel é acreditar que veio acabada do Velho Mundo, adaptando-se aqui, mal ou bem, às circunstancias geograficas, étnicas, econômicas, próprias às diferentes áreas, e assumindo em cada uma feição diversa. O alfa da constelação de regiões tão claramente diferenciadas entre si, que se formaram nesta América portuguêsa, estaria, pois, na Europa lusitana e ibérica, não no mundo da casa-



# SOCIEDADE PATRIARCAL

## (Conclusão)

**Sergio Buarque de Holanda**

EM artigo anterior tentei sugerir como as noções de "forma" e de "conteudo" ou "substância", que aparecem com certa frequência nos últimos estudos histórico-sociológicos do sr. Gilberto Freyre, podem redundar e redundam, muitas vezes, em uma visão acentuadamente particularista de nosso passado e de nosso presente.

Aquelas noções, provindas, em última análise, da filosofia social do Simmel, retiram toda a sua força da própria indefinição. E' verdade que em Simmel elas não passam, ao menos teòricamente, de simples metáforas. Na versão, porém, que lhes dá o autor de "Sobrados Mucambos" tende a dissipar-se, mesmo em teoria, esse nominalismo deliberado. De instrumentos de exposição, distinção, confronto, análise, convertem-se em realidades mais ou menos empiricas, servindo de base a julgamentos de valor que mal se disfarçam

Assim é que, nos seus escritos, as "formas" sociais se mudam com facilidade, ora em entidades reais, à maneira dos organismos biológicos — e então se confundem praticamente com os "proecssos" sociais, capazes de crescimento, maturação e morte —, ora em "idéias" de nítido sabor hegeliano — idéias de onde hão de emanar misteriosamente os próprios "objetos materiais".

Nêsse último sentido ocorrem pelo menos uma vez: quando, em revide a uma crítica do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco, o autor escreve, à página 817: "em nossos estudos, acentuando a importância, dos "objetos materiais", símbolos, insígnias, mitos, não o fazemos por "materialismo" ou por desprezo aos valores invisivel ou requintadamente intelectuais e espirituais, mas por considerar os chamados objetos materiais — inclusive moveis, trajos, alimentos — reflexos das chamadas realidades imateriais, nunca ausentes dos mesmos objetos".

E' possivel dizer que aquelas formas soberanas e imateriais se realizam de certo modo, em nosso mundo efêmero — e nêste ponto é que se inserem os juizos de valor — através de processos que conduzem à maturidade, à plenitude, e, em certo sentido, à perfeição: "amadurecendo numas áreas mais cedo do que noutras, declinando no Norte ou no Nordeste, antes por motivos ecológicos que pura ou principalmente econômicos —, quando apenas se arredondava por iguais motivos, em formas adultas no Brasil meridional" (pg. 41).

E' BASTANTE significativo que, apesar do seu insistente empenho de emancipar a "forma" social da "substância" ou do "conteúdo", o sr. Gilberto Freyre raramente consegue desunir êstes elementos quando se trate de distinguir, entre esta e aquela área de povoamento e ocupação do solo, as que lhe parecem expressões mais adultas ou completas. E, embora professando, em certos casos, dar

escasso valor sociológico aos "objetos materiais" ou às técnicas peculiares a cada região distinta, não há dúvida que, em outros, chega a introduzir, entre os próprios objetos, uma espécie de escala hierárquica, manifesta na medida em que eles parecem acomodar-se melhor à "forma" ideal e soberana.

Assim, por exemplo, a "grande casa estavel de pedra e cal", própria sobretudo dos engenhos de açucar do Nordeste, e também os sobrados de residência construidos "mais nobremente" (pg. 404) da mesma pedra ou então de tijolos e cal de mariscos, comparam-se com grande vantagem, em muitas das suas páginas, às antigas casas de São Paulo, feitas "quase todas de taipa". Como explicar, então, que justamente em São Paulo, a área das casas de taipa correspondesse, na era colonial, às terras mais prósperas — mais nobres? — de serra acima, em contraste com as da orla marítima, onde domina decididamente a construção feita, como nos engenhos do Norte, de pedra das pedreiras e cal das ostreiras litorâneas?

Além da presença de certos fatores materiais, de algum modo privilegiados, é certo que entre os distintivos da maturidade social parecem inscrever-se, para êle, motivos "imateriais" nada irrelevantes. Assim, se a casa grande corpulenta e sólida tem direito a melhor tratamento é que lhe parece espelhar admiravelmente certas virtudes senhoriais, estabilizadoras e conservadoras, favoráveis talvez ao maior requinte ou à maior cultura do espírito. Virtudes que êle tem na mais alta conta, assim como haverá quem prefira, em contraposição, outras, não menos senhoriais, posto que mais dinâmicas e ativas.

E nêste ponto interfere ainda uma vez a preeminência atribuida aqui à "forma social", independente de fatores econômicos ou de outra natureza e sobreposta a êles. A sociedade constituida em volta da grande propriedade monocultora e escravocrata se teria revelado apesar das suas flagrantes falhas a mais criadora, entre todas as do Brasil, de valores políticos, estéticos e intelectuais.

E' o que está dito nas palavras finais de seu livro "Nordeste". No mesmo livro, à página 288, afiança-se ainda: "Mas foi justamente essa civilização nordestina do açucar — talvez a mais patológica, social-

(Conclui na 10.ª pag.)

Continua no vers

☆

# Sociedade . .

(Conclusão)

mente falando, de quantas floresceram no Brasil — que enriqueceu de elementos mais característicos a cultura brasileira". E não custa ao autor levantar os olhos em dado momento, dos canaviais do Nordeste patriarcal para as oliveiras de certa terra clássica do meio dia da Europa. Pois também a civilização helênica, escreve êle, "foi uma civilização mórbida segundo os padrões de saude social em vigor entre os modernos. Civilização escravocrata. Civilização pagã. Civilização monosexual. E entretanto estranhamente criadora de valores, pelo menos políticos, intelectuais e estéticos. Muito mais criadora dêsses valores do que as civilizações mais saudáveis que ainda se utilizam da cultura grega".

Palavras estas, que extraidas, embora, de um livro confessadamente impressionista, ajudam, por isso mesmo, a desvelar o que vai, nas suas interpretações, de intenso calor afetivo, de amoroso e nostálgico enlevo pelo passado de sua região natal e ancestral, envolvendo, não raro, as noções puramente teóricas que parecem querer introduzir-se em obras declaradamente mais sóbrias. Entre essas noções, tentei destacar, nêstes artigos, a da existencia de uma forma social separável de quaisquer elementos materiais, isto é, de todo "conteúdo" ou "substancia", para usar suas mesmas palavras.

NÃO importa discutir aqui se os valores políticos, intelectuais, estéticos, representados a seu modo — "criados" diria o sr. Gilberto Freyre — pela "civilização do açucar" terão sido os mais significativos ou os mais insignes entre nós, comparados aos que se encarnavam em outras "civilizações" regionais brasileiras, conforme pretende o sociólogo pernambucano. Seria entrar no terreno movediço das preferências, dos interesses, dos sentimentos, dos ressentimentos pessoais. Pensar, no entanto, que por simples ato de presença e independentemente das condições materiais a que se acha inextricavelmente ligado, o patriarcalismo nordestino pôde suscitar aqueles valores é apegar-se a concepções um tanto místicas, que em todo caso desafiam um escrutínio plausível.

Não é preciso certamente uma adesão às formas maic crassas do materialismo histórico para admitir-se que a pujança econômica pode favorecer certos recursos materiais e certos hábitos de ociosidade em nada desfavoraveis ao tipo de cultura intelectual e trato político tão enaltecidos pelo autor. Assim ocorreu, sem dúvida, no Nordeste açucareiro, como ocorreu em outras áreas do Brasil colonial e imperial favorecidas pela fortuna. Quem percorra a lista de estudantes brasileiros formados em Coimbra verificará, sem esforço, até que ponto isto é verdadeiro. O fato de Minas Gerais, na idade do ouro e dos diamantes, ter fornecido um número maior de estudantes do que o de todas as demais capitanias brasileiras (nos três últimos decênios do século XVIII êsse número ainda é de 132, para 122 do Rio de Janeiro, 108 da Bahia, 68 de Pernambuco e 30 de São Paulo) não pode ser indiferente a quem deseja estudar movimentos tais como o da Escola Mineira ou o da Inconfidência. A rápida e efêmera ascensão econômica do Maranhão coincidirá, por sua vez, com um aumento notável no número de estudantes daquela capitania e província nortista, que chegará a ultrapassar largamente, no meio século imediato, os próprios totais de Minas e os de Pernambuco.

Não foi certamente por um milagre que tivemos a famosa "Atenas brasileira". Nem foi por acaso que a Bahia, beneficiada nêsse período, e ainda em maior grau, pelas mesmas condições, se tornaria grande forja de estadistas do Império.

AS explicações que não têm em conta semelhantes fatores levam a pensar um pouco nas de Monsenhor Pizarro, se não estou esquecido, quando escreveu do açucar, que serve, não só para temperar os manjares como os costumes, fazendo aqueles mais doces e estes mais corteses e políticos. E' muito provável que sem uma espécie de visão lírica, responsável, em parte, por êsse tipo de explicações, o admirável esforço de compreensão e elucidação de nosso passado, empreendido pelo sr. Gilberto Freyre, teria sido menos eficaz. Ela constitui, por assim dizer, e para empregar uma das suas comparações, o lado patológico, inevitável, talvez, em uma obra realmente criadora e que deveria abrir novos caminhos para a boa inteligência da vida brasileira.

*Para remessa de livros*: Rua Haddock Lobo, 1.625 (São Paulo)

☆